



ANÁLISE PORTUGAL MAIS COMPETITIVO I

Para que ser competitivo?



EUGÉNIO VIASSA MONTEIRO

Professor da [AESE](#)

Um país competitivo tem condições para produzir bens e serviços a melhores custos. Isso atrai investimentos, para criar operações rendíveis. Importa a produtividade do trabalhador, mas não apenas isso, pois há outros factores mais determinantes para o custo final do produto levado ao mercado.

Há entidades que se dedicam a fazer o "ranking" dos países competitivos, avaliando alguns indicadores relevantes, por inquéritos a grupos seleccionados de pessoas. No último ano (2010/11), Suíça, Suécia, Singapura e EUA ocuparam as quatro posições de topo, por essa ordem. A China ficou em 27ª, Portugal na posição 46, e a Índia na 51ª. (Cfr. Global Competitiveness Report).

Que factores influem na competitividade? Há-os da actividade em causa, mas há outros estruturais, de enquadramento: eficiência da Administração, disponibilidade de quadros dirigentes e técnicos, facilidade de fornecimentos complementares; eficiência do sistema financeiro, logística das operações e infra-estruturas, preparação dos trabalhadores, ambiente de trabalho, isto é hábitos, exigência pessoal, etc.

É salutar criar rotinas de planejar para daqui por dez ou mais anos – como vem fazendo Singapura de há dezenas de anos, com resultados tão bons que a levaram do estado de grande miséria logo a seguir ao pós-guerra, a ser hoje um dos Estados mais ricos –, em como preparar o País para ir alcançando consistentemente uma posição de destaque mundial, num certo período de tempo, em certos sectores de actividade. Não se trata de um planeamento estático, mas de se ir actualizando cada dois a três anos, mantendo uma coerência de fundo sobre as ideias mestras da visão do futuro desejada para o País, ou para certas zonas do mesmo. Dele pode sair como uma orientação para a livre iniciativa empresarial, potenciando os seus efeitos para a sociedade.

É importante também investir em múltiplas frentes estruturantes da capacidade de organizar e produzir com eficácia, de aprender continuamente, de forçar uma atitude inovadora... Alguns âmbitos de acção podem e devem ser trabalhados simultaneamente, por se completarem e se reforçarem mutuamente: melhor educação cívica para se cumprir deveres e exigir direitos; aumentar a eficiência dos processos administrativo/burocráticos; formação/ensino orientados para a qualidade e bom aproveitamento, desde os bancos da escola; fomento do empreendedorismo para se criar riqueza para a sociedade e trabalho.

Em cada campo, uma discussão aberta com ampla intervenção dos cidadãos, famílias, professores, meios de comunicação social, poderia ajudar a lançar uma vaga de fundo que envolvesse tudo e todos, sensibilizando as mentes na linha das metas pretendidas: acção eficaz; mais iniciativa e criatividade; esforço coordenado e trabalho responsável.

Evitando, ao mesmo tempo, a tentação comodista de se fechar sobre si mesmo, de se isolar e não aceitar o desafio da nova transformação que o momento impõe, todo o Ocidente poderá sair mais forte deste grande desafio que, em boa parte, o Oriente está a lançar com todo o seu dinamismo e juventude. Os reptos externos são benéficos quando nos obrigam a um novo esforço de renovação para os superar. Como disse Einstein: "A crise é a melhor bênção que pode acontecer às pessoas e países, porque leva a progressos. A criatividade nasce da angústia, como o dia nasce da noite escura. É na crise que nascem as invenções, as descobertas e as grandes estratégias. Quem supera a crise, supera-se a si mesmo (...). A verdadeira crise é a da incompetência (...). Sem crise não há desafios, sem desafios a vida é uma rotina, uma lenta agonia. Sem crise não há méritos (...). Acabemos de vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para a superar". ■

O Ocidente poderá sair mais forte deste grande desafio que, em boa parte, o Oriente está a lançar com todo o seu dinamismo e juventude.